

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO
PRODUÇÃO CULTURAL

CLARICE MAGALHÃES HERINGER

A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE E DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE REDES DE
RESISTÊNCIA E APOIO AS MULHERES LÉSBICAS: UM OLHAR A PARTIR DA UFF DE RIO DAS
OSTRAS

Niterói,
2022

CLARICE MAGALHÃES HERINGER

A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE E DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO DE REDES DE
RESISTÊNCIA E APOIO AS MULHERES LÉSBICAS: UM OLHAR A PARTIR DA UFF DE RIO DAS
OSTRAS

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao programa
de Graduação em Produção Cultural/UFF como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Produção
Cultural

Orientadora: Prof. Dra. Flávia Lages

Niterói,
2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

H546i Heringer, Clarice Magalhães
A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE E DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO
DE REDES DE RESISTÊNCIA E APOIO AS MULHERES LÉSBICAS: UM OLHAR
A PARTIR DA UFF DE RIO DAS OSTRAS / Clarice Magalhães
Heringer. - 2022.
42 f.

Orientador: Flavia Lages.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2022.

1. Mulheres. 2. LGBTQIA+ / LBT's. 3. Rio das Ostras. 4.
Universidade Federal Fluminense. 5. Produção intelectual. I.
Lages, Flavia, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD - XXX



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao décimo nono dia do mês de outubro de 2022, às dezesseis horas e trinta minutos, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão N.º. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **"A importância da Universidade e das mulheres na construção de redes de resistência e apoio as mulheres lésbicas: Um olhar a partir da UFF de Rio das Ostras"**, apresentado por **Ciarice Magalhães Heringer**, matrícula 619033095, sob orientação do(a) Prof(a). Dr(a). Dr.ª. Flávia Lages.

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Dr.ª. Flávia Lages

2º Membro: Dr.ª. Ohana Boy

3º Membro: Dr.ª. Ana Lucia Enne

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

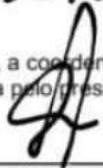
Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

10,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo(a) presidente da banca:



Presidente da Banca

Dedico este trabalho a todas as mulheres
que amam, fortalecem e investem em
outras mulheres.

AGRADECIMENTO

“Ninguém se faz só, a gente é a soma de tudo que move com a gente”. (Desavexe)

Agradeço a minha mãe e meu pai
as irmãs e meus irmãos
as minhas avós e meus avôs
a minha namorada
as minhas amigas
as entrevistadas
a minha orientadora
e a todos os que me guiam e me protegem.

A minha mãe e ao meu pai que sempre foram e permanecem sendo base de TUDO. Obrigada por acreditarem e me incentivarem em tudo que me proponho a fazer e construir. Obrigada por serem tanto.

A minha irmã, Carol, que está em tudo, me incentivando e acreditando neste trabalho e em tudo que me proponho a fazer. Obrigada por me ajudar nesse processo e ser apoio nesse e em muitos outros.

A minha irmã Andressa, que mesmo com a distância se faz presente em vários momentos, participando inclusive dessa trajetória de Rio das Ostras, obrigada por ouvir e se fazer presente sempre.

A minha irmã, Karina, que está comigo em tudo, de diversas maneiras. E que também foi fundamental na construção da escrita deste trabalho. Obrigada.

Ao meu irmão, João, que se faz fortaleza em diversos momentos, sendo sinônimo de força e coragem.

Aos meus avós por me ensinarem constantemente sobre o respeito e o amor.

A minha avó, Conceição, que pra mim é sinônimo de amor e respeito, sendo ela minha maior referência de vida. Obrigada por estar sempre me cuidando através das suas orações, do seu carinho e de todo seu amor.

A minha namorada e parceira, Thamires, que faz com que tudo isso que aprendo diariamente sobre o amor e o respeito façam ainda mais sentido. Obrigada por trilhar

junto, somando, acreditando e me incentivando sempre. Obrigada por ajudar no caminhar desse trabalho e da vida.

A todas as minhas amigas – Vieira, Guima, Dantas, Pietra, Giovanna, Ana Clara, Milena, Fabi, Bissoli e Ya – que fizeram com que essa passagem em Rio das Ostras fosse mais leve. Esse trabalho é fundamentado na rede de apoio entre todas nós e muitas outras, então obrigada por serem tanto e fazerem com que eu conseguisse perceber a importância e a necessidade dessas redes de apoio e resistência para nossa existência.

Dedico esse trabalho ao nosso raio de sol, obrigada por fazer com que todos os nossos dias fossem ainda mais alegres com seu sorriso e seu jeito lindo de ser. Agradeço por ter esbarrado com você da melhor forma possível nesse plano. E como você me escreveu logo após a minha saída de Rio das Ostras: nós se esbarra por ai, da sua girafinha, Clari.

Agradeço imensamente as três entrevistadas – Ana Elisa, Maria Izabel e Mayara Vieira que toparam somar com esse trabalho a partir de suas experiências e vivências na trajetória de Rio das Ostras – obrigada pela partilha e pela soma. Que possamos estar sempre somando e construindo em diversos espaços, tornando-os nosso também.

E agradeço a minha orientadora, que acreditou na minha escrita e na importância desse tema para mim. Obrigada Flávia.

EPÍGRAFE

Então, estamos aqui para ajudar a moldar um mundo onde todas as pessoas possam florescer, além do machismo, do racismo, do etarismo, do classismo, da homofobia. Para isso, devemos nos perceber dentro do contexto de uma civilização que cultiva ódio e desrespeito notórios por qualquer valor humano, por qualquer criatividade ou diferença genuína. É a nossa habilidade de olhar honestamente para nossas diferenças, de reconhecê-las como criativas, e não desagregadora, que nosso futuro pode repousar.

(Audre Lorde)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo contribuir com o debate sobre a importância da Universidade e das redes de apoio entre mulheres para o fortalecimento, resistência e permanência das pessoas LBGT's, em especial das mulheres lésbicas no contexto acadêmico. O estudo que resultou neste trabalho valeu-se da pesquisa bibliográfica, utilizando como ferramenta de análise a "interseccionalidade", a partir do pensamento de bell hooks e Audre Lorde. A partir desta lupa analítica, buscou-se evidenciar o conjunto das opressões que atingem as mulheres na sociedade capitalista, como: o heterossexismo, machismo a misoginia, o racismo e a LBTfobia. Tais apontamentos se fizeram necessários para evidenciar os aspectos que informaram o surgimento das redes de solidariedade, luta e resistência entre as mulheres. Além disso, foi utilizado o recurso das entrevistas, compreendido através do método qualitativo de pesquisa. Este serviu para que a vivência de estudantes (mulheres LBTS) da Universidade Federal Fluminense (UFF/Rio das Ostras) fosse visibilizada, buscando demonstrar, de forma prática, a necessidade e urgência dos movimentos e das redes construídas coletivamente. A fundamentação teórica desenvolvida e os resultados alcançados através das entrevistas demonstraram que tais discussões se apresentam como imprescindíveis aos produtores culturais em formação, contemplando o estudo sobre as questões de gênero e sexualidade a partir das opressões vivenciadas pelas mulheres, principalmente as LBT's, bem como, das formas de resistência construídas pelas próprias estudantes para permanecerem nos espaços universitários.

Palavras-chave: Mulheres; LGBTQIA+; LBT's; Rio das Ostras; Universidade Federal Fluminense.

ABSTRACT

This Course Conclusion Work aims to contribute to the debate on the importance of the University and support networks among women for the strengthening, resistance and permanence of LGBT people, especially lesbian women in the academic context. The study that resulted in this work was based on bibliographic research, using “intersectionality” as an analysis tool, based on the thoughts of bell hooks and Audre Lorde. From this analytical magnifying glass, we sought to highlight the set of oppressions that affect women in capitalist society, such as: heterosexism, machismo, misogyny, racism and LBTphobia. Such notes were necessary to highlight the aspects that informed the emergence of networks of solidarity, struggle and resistance among women. In addition, interviews were used, understood through the qualitative research method. This served to make the experience of students (LBTS women) from the Fluminense Federal University (UFF/Rio das Ostras) visible, seeking to demonstrate, in a practical way, the need and urgency of collectively constructed movements and networks. The theoretical foundation developed and the results achieved through the interviews showed that such discussions are essential for cultural producers in training, contemplating the study of gender and sexuality issues from the oppressions experienced by women, especially LBT's, as well as, of the forms of resistance built by the students themselves to remain in university spaces.

Keywords: Women; LGBTQIA+; LBT's; Rio das Ostras; Federal Fluminense University.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso pretende contribuir al debate sobre la importancia de la Universidad y las redes de apoyo entre mujeres para el fortalecimiento, la resistencia y la permanencia de las personas LGBT, especialmente de las mujeres lesbianas en el contexto académico. El estudio que resultó en este trabajo se basó en una investigación bibliográfica, utilizando como herramienta de análisis la “interseccionalidad”, a partir del pensamiento de Bell Hooks y Audre Lorde. A partir de esta lupa analítica, buscamos resaltar el conjunto de opresiones que afectan a las mujeres en la sociedad capitalista, tales como: el heterosexismo, el machismo, la misoginia, el racismo y la LBTfobia. Tales notas fueron necesarias para resaltar los aspectos que informaron el surgimiento de redes de solidaridad, lucha y resistencia entre las mujeres. Además, se utilizaron entrevistas, entendidas a través del método de investigación cualitativa. Esto sirvió para visibilizar la experiencia de estudiantes (mujeres LBTS) de la Universidad Federal Fluminense (UFF/Rio das Ostras), buscando demostrar, de manera práctica, la necesidad y urgencia de movimientos y redes construidos colectivamente. La fundamentación teórica desarrollada y los resultados alcanzados a través de las entrevistas mostraron que tales discusiones son esenciales para los productores culturales en formación, contemplando el estudio de las cuestiones de género y sexualidad a partir de las opresiones vividas por las mujeres, especialmente LBT, así como de las formas de resistencia. construidos por los propios estudiantes para permanecer en los espacios universitarios.

Palabras clave: Mujeres; LGBTQIA+; LBT; Rio das Ostras; Universidad Federal Fluminense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	15
O IMBRICAMENTO DAS OPRESSÕES CONTRA AS MULHERES: DENÚNCIAS E ENFRENTAMENTOS COLETIVOS	15
CAPÍTULO 2	25
MULHERES LBTS NO CONTEXTO ACADÊMICO: INSERÇÃO, REDES DE APOIO E PERMANÊNCIA	25
CAPÍTULO 3	31
ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA: MOVIMENTOS CONSTRUÍDOS POR E PARA MULHERES LBTS NO CAMPUS DE RIO DAS OSTRAS	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
ANEXO CENTRALIZADO	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objeto de estudo a importância das redes de resistência e apoio construídas por e para mulheres LBTs¹ para a permanência na Universidade Federal Fluminense (UFF) de Rio das Ostras. Ancorada no debate de gênero e sexualidade, trazemos aqui a trajetória de resistência das mulheres - principalmente lésbicas - para se manterem e resistirem na Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras. Contudo, debatemos brevemente sobre os movimentos realizados entre os alunos para que essa permanência na universidade acontecesse.

A motivação para iniciar esse trabalho se deu a partir da vivência enquanto mulher lésbica neste espaço, pensando em como Rio das Ostras é uma cidade que assusta, mas ao mesmo tempo é uma cidade que preenche. A cidade assusta pela violência e pelo descaso e, em contrapartida, preenche por todas essas redes de apoio e resistência que foram e são criadas pelos estudantes do campus. Fazemos existência por existir e resistir juntas.

Decidiu-se, então, analisar essas formas de resistência criadas pelas mulheres, especialmente mulheres LBTs - que são maioria no campus de Rio das Ostras - e como os movimentos se tornam estratégias de enfrentamento para um campus precarizado. Uma análise realizada através de pesquisas e principalmente das entrevistas realizadas com três mulheres, estudantes do campus, partindo então do teórico para o concreto.

Para justificar os resultados, utiliza-se a pesquisa de análise qualitativa e descritiva, priorizando a pesquisa de campo. A pesquisa qualitativa se caracteriza por se tratar de um procedimento de coleta de informações onde cabem aos pesquisadores que fazem uso de entrevistas em suas investigações explicitar as regras e pressupostos teórico/metodológicos que norteiam seu trabalho, de modo a ampliar o debate acerca da necessária definição de critérios para avaliação de confiabilidade de pesquisas científicas que lançam mão desse recurso.

O trabalho foi dividido em três capítulos: o primeiro trata-se da trajetória do movimento lésbico no Brasil, explicando os movimentos feministas e LBTs num

¹ Mulheres LBTs: mulheres lésbicas, bissexuais, polisssexuais, pansexuais, assexuais, travestis, transgêneras e transexuais, enfim, mulheres não heterocissexuais.

modo geral, fazendo-se entender de onde partiu o movimento lésbico e quais as suas potências. Para isso, utiliza-se a intersceccionalidade como ferramenta de análise, apontando as opressões que diferentes mulheres vivenciam, como gênero, raça, classe e sexualidade. Finalizando a discussão citando mulheres que vêm seguindo esses legados passados por essas mulheres lésbicas que lutaram para que hoje outras mulheres possam seguir lutando, já com conquistas e movimentos mais “sólidos”.

No segundo capítulo são debatidas as formas de resistência e apoio citadas anteriormente dentro do contexto acadêmico. Assim, começa trazendo de forma cronológica a trajetória das universidades públicas no Brasil até a contemporaneidade. Pensando nas formas de resistência que foram se construindo para que os espaços universitários fossem mais democráticos e justos, como, por exemplo, o Reuni, que visa a ampliação do acesso e permanência dos estudantes nessas redes, e a Lei de Cotas, que reserva 50% das vagas para estudantes de escolas públicas, de baixa renda e para estudantes negros, pardos e indígenas.

Por fim, articulando os debates anteriores com o terceiro e último capítulo, trata-se aqui das formas de resistência e apoio das mulheres LBT's já dentro da Universidade Federal Fluminense campus de Rio das Ostras, um campus marcado pelo Programa de Reestruturação e Expansão e da Lei de Cotas. Pensando através da precariedade e descaso do campus e de políticas públicas da cidade, que acabam por “depende” das formas de resistências que cada um desses estudantes vai construir para sua permanência dentro e fora da Universidade. Assim, para se fazer melhor o entendimento dessas redes e das suas construções, traz-se aqui entrevistas com três estudantes do campus de Rio das Ostras, realizadas em julho de 2022 a partir do método de entrevista formalizada, com roteiro prévio e perguntas abertas, ou seja, as entrevistadas tinham mais liberdade para falarem além do que foi trazido no roteiro.

CAPÍTULO 1
O IMBRICAMENTO DAS OPRESSÕES CONTRA AS MULHERES:
DENÚNCIAS E ENFRENTAMENTOS COLETIVOS

E, enquanto estivermos aqui, peço a cada um de vocês que se lembre dos fantasmas, que carregamos dentro de nós, daqueles que nos antecederam – a memória daquelas lésbicas e daqueles homens gays das nossas comunidades cujo poder e conhecimento foram privados, aqueles que nunca estarão conosco e aqueles que não estão aqui agora.

(Audre Lorde)²

O primeiro capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso tem como principal objetivo a contextualização do tema proposto, situando o leitor sobre as dimensões perpassadas pelo debate do movimento lésbico, a partir das suas redes de sociabilidade. Na análise de Urpia (2014, p. 182), compreende-se como redes sociabilidade:

Aqueles espaços onde tornam-se possíveis contatos, anônimos, repetidos e duradouros, passíveis de serem estabelecidos no quadro de distintas referências, sejam estas, familiares, de amizade, profissionais, de vizinhança, de associação, etc., que têm, não apenas o efeito de socialização, como também o de contágio (URPIA, 2014, p.182).

Para subsidiar a proposta investigativa foi utilizada a interseccionalidade como ferramenta de análise, a fim de pontuar as múltiplas opressões que mulheres de diferentes condições vivenciam, tais como: raça, classe social e sexualidades. À vista disso, inicia-se com um breve debate sobre o conceito de interseccionalidade, o feminismo e as opressões vivenciadas pelas mulheres, a fim de que se compreenda, em seguida, alguns aspectos do surgimento e da processualidade histórica do movimento lésbico, principalmente no Brasil - analisando sua consolidação, seus impactos e como se estabelece na contemporaneidade.

² LORDE, Audre. Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos. Ubu Editora, 50, 2020.

Para apreender as formas de resistência protagonizadas pelas mulheres e pelo movimento lésbico, precisa-se entender, brevemente, o motivo de determinados grupos da sociedade precisarem se organizar para lutarem contra os discursos e práticas de ódio viabilizadas pela sociedade capitalista, racista, patriarcal e heterossexista. Assim, é debatido aqui, alguns elementos elucidativos em torno das manifestações/expressões das opressões nessa sociedade através do heterossexismo, do machismo e da misoginia.

Dessa forma, para se fazer mais fácil o entendimento dessas violências e opressões se faz necessário a compreensão do conceito de heterossexismo, pois o movimento LGBTQIA+³ e até mesmo o movimento feminista o questiona diretamente. O heterossexismo é “uma crença na superioridade inerente a um padrão de relação afetiva, o que implicaria seu direito a dominância” (LORDE, 2020, p.14). Ou seja, esse conceito foi criado para denominar a tentativa de padronização e imposição da heterossexualidade como uma norma social, política e econômica na sociedade. Sabe-se que o homem branco, cis e hétero é visto com predileção social, dentro do que é imposto como “padrão ideal”, já os demais grupos são hierarquizados e estrategicamente posicionados à margem da sociedade.

Assim, desnaturalizar e desconstruir o caráter permanente das oposições binárias masculino/feminino e homossexual/heterossexual torna-se fundamental no combate à discriminação, pois somente assim podem-se quebrar as relações de poder que hierarquizam e inferiorizam a mulher e os homossexuais (SOUZA; PEREIRA. 2013. p.83).

É possível relacionar essas opressões e imposições com a dominação dos corpos femininos e o próprio machismo, pois quando cobramos de uma sociedade a reprodução forçosa das heteronormatividades estamos impondo que as mulheres sigam as expectativas que lhes são criadas desde seu nascimento (casar e ter filhos), estando essa ordem naturalmente associada ao gênero feminino. O machismo é uma dessas representações de opressão e dominação, que para além de atitudes e discursos individuais, se expressa através de uma estrutura de poder que beneficia os homens: o patriarcado. Assim, situa-se as mulheres na posição de inferioridade e desigualdade dentro dessa hierarquia de poder que estão inseridas. O machismo foi criado por e para

³ LGBTQIA+ é uma sigla que representa o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população. As siglas representam: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero e Travestis, Queer, Intersexo, Assexual e + (utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero que fogem da heterocisnormatividade).

os homens, porém como estamos inseridas em uma sociedade patriarcal, muitas vezes as próprias mulheres acabam por reproduzir essas violências, contribuindo para a veiculação das opressões dentro de sua própria comunidade.

Sobre a propagação do machismo e do sexismo entre as mulheres, a importante intelectual e feminista brasileira, Heleieth Saffioti (2015, p. 43) ressaltou que,

É necessário compreender que a sociedade patriarcal como um sistema faz-se e está presente nas relações sociais. O machismo pode ser reproduzido por mulheres, entretanto, sempre que elas os reproduzem se favorece e fortalece a lógica de dominação masculina e de subordinação feminina. Ou seja, as mulheres ao reproduzirem o sexismo ou o machismo não usufruem dos privilégios patriarcais.

Outra forma de expressão dessas violências ligadas às mulheres - sejam elas héteros, lésbicas, trans ou travestis - é a misoginia. Este fenômeno está voltado à desvalorização do feminino, ao ódio, ao racismo, à objetificação e ao desprezo, manifestando-se das mais diversas formas, através de discursos, violências físicas, verbais e/ou emocionais, através da pornografia e até mesmo dos casos de feminicídio. Todas essas manifestações de ódio e preconceito, citadas acima, se retroalimentam, pois se constituem como pilares de uma mesma estrutura, contribuindo para que a misoginia seja amplamente naturalizada na sociedade.

As expressões citadas acima, são violências que afetam as mulheres e as pessoas LGBTQIA+, no entanto, se acentuam ainda mais quando analisamos os efeitos provocados pelas marcações de raça e classe. Ao estabelecer um paralelo do quanto essas violências afetam e matam mulheres brancas, devemos considerar que em relação às mulheres negras isso ocorre de forma duplamente violenta, pois para além do machismo, misoginia, heterossexismo e LGBTfobia, elas vivenciam o racismo, que acaba por tornar essas expressões ainda mais desumanizantes ao se tratar do grupo menos favorecido dentro da pirâmide social.

Um exemplo concreto dessas opressões que são triplamente atravessadas por mulheres negras e lésbicas, foi o caso da Luana Barbosa⁴, de 34 anos, mulher negra, mãe e lésbica vítima de violência policial na cidade de Ribeirão Preto (SP). Luana foi parada por policiais enquanto levava seu filho para a escola, ao questionar sobre ser revistada

⁴ Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/seis-anos-do-assassinato-de-luana-barbosa-abril-se-tornou-um-mes-de-temor-e-luto-diz-irma> Acesso em: 15, julho, 2022.

por policiais homens foi agredida violentamente causando traumatismo craniano que a levou a morte. O caso da Luana é só mais um caso permeado pelo racismo e lesbofobia no Brasil, e trouxe ao movimento lésbico no país um compromisso efetivo com a luta das mulheres negras e com a denúncia às múltiplas violências que são cotidianamente direcionadas aos seus corpos.

A interseccionalidade, categoria apreendida nesse estudo como lupa analítica, nos faz compreender melhor as sobreposições dessas opressões na nossa sociedade, constituindo-se como uma das formulações fundamentais na tradição do feminismo negro. Sendo ela uma ferramenta teórica e metodológica para pensarmos as relações de raça, classe e gênero e suas expressões, as quais situam as mulheres negras e lésbicas de forma mais expostas as violências produzidas por essa estrutura.

Diante de um contexto de opressões que atravessam as mulheres em suas múltiplas formas de ser e existir, faz se necessário sua organização coletiva visando o combate, a denúncia e a proposição de um movimento revolucionário e essencialmente feminino. De acordo com bell hooks, (2018, p. 34-35)

Antes de tudo, o movimento feminista incentivava as mulheres a parar de nos ver e de ver nosso corpo como propriedade do homem. Para exigir ter controle sobre nossa sexualidade, sobre métodos contraceptivos eficientes e direitos reprodutivos, o fim dos estupros e dos abusos sexuais, precisávamos nos unir em solidariedade. Para que as mulheres mudassem a discriminação no ambiente de trabalho, precisávamos fazer pressão como grupo para mudar as políticas públicas. Desafiar e mudar o pensamento sexista das mulheres era o primeiro passo para criar uma sonoridade poderosa que acabaria por balançar a nação.

O movimento feminista branco e, majoritariamente acadêmico, surgiu com o objetivo de lutar por direitos igualitários, questionando os sistemas culturais, políticos e econômicos a partir desses papéis que são socialmente atribuídos a elas. Sendo assim, suas principais pautas levantadas eram sobre o direito ao voto, direitos reprodutivos e a educação. Porém, mesmo entendendo todas as contribuições e a importância histórica desse feminismo, sua teoria, práticas e demandas não contemplavam todas as mulheres, tornando-se excludente para as mulheres negras e mulheres LBT's, uma vez que suas pautas não eram debatidas e nem discutidas naquele espaço que na teoria deveria ser acolhedor a todas.

Na análise de hooks (2018, p. 30), “enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por

completo”. A partir dessa falta de representatividade e escuta dentro do movimento feminista, essas mulheres foram se articulando e construindo seus movimentos para que suas pautas fossem ouvidas e representadas – as mulheres negras construíram o movimento feminista negro e as mulheres lésbicas passaram a integrar como subgrupo do Somos⁵ (Grupo de Afirmação Homossexual (1978)).

O movimento lésbico surge a partir dos anos 70, se espalhando por todo o mundo e assumindo sua autonomia. No Brasil, surge como subgrupo, o movimento Lésbico Feminista (LF) do Somos, a partir de uma racha entre lésbicas e gays em função da misoginia sofrida pelos militantes gays, entendendo que o movimento lésbico junto com o movimento trans, sempre foram vistos como menos importante dentro das pautas LGBT e dos movimentos feministas tradicionais. Com isso, pode-se compreender que em uma sociedade permeada pela lgbtfobia, pelo racismo, machismo e sexismo, a hierarquia de poder se torna presente e constante nas relações dentro dessa sociedade e, entre os próprios sujeitos afetados por essas opressões. Essa hierarquia fica evidente quando analisamos os privilégios dentro dessas expressões, como por exemplo, a diferença das opressões sofridas de uma mulher lésbica para um homem gay, da mulher lésbica branca para a mulher lésbica negra, são camadas e violências diferentes que são resultado dessas opressões que foram criadas e até hoje permanecem enraizadas na nossa sociedade.

A feminista negra, lésbica e caribenha Audre Lorde (2019, p. 143) pontua que,

de modo geral, no atual movimento das mulheres, as mulheres brancas se concentram na opressão que sofrem por serem mulheres e ignoram as diferenças de raça, orientação sexual, classe e idade. Há uma suposta homogeneidade de experiência coberta pela palavra “sororidade” que, de fato, não existe.

Ao falar sobre esses dois movimentos – homossexual e feminista – se torna imprescindível ressaltar as diversas formas de silenciamento e exclusão que ambos os grupos tinham ao movimento lésbico. O movimento homossexual ainda que pensando as orientações sexuais e identidades de gênero e questionando a heteronormatividade obrigatória e compulsória, sempre viu as pautas dessas mulheres como menos importantes.

⁵ Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, formado em São Paulo no ano de 1978. Tendo início assim que se iniciava a distinção do regime militar brasileiro e também em meio a organização e consolidação de outros movimentos sociais identitárias, como o das feministas e negros. Disponível em: <https://andadireito.com.br/blog/grupo-somos/>. Acesso em: 12, julho, 2022.

A partir da citação anterior entende-se que apesar das opressões vividas por homens gays, eles estão constantemente reproduzindo e se beneficiando do machismo, sexismo e da misoginia. Em contrapartida, dentro das pautas dos movimentos feministas hegemônicos, as mulheres lésbicas eram invisibilizadas, pois suas pautas prioritárias não as contemplavam, sendo assim, quando tentavam trazer pautas como a importância pelo prazer sexual feminino e contra a heterossexualidade imposta aos corpos femininos, eram questionadas por estarem negando as condições naturalmente associadas às mulheres.

No caso brasileiro, em 1978, em meio à repressão e ao conservadorismo, provocados pelo contexto da ditadura militar, um grupo de homens gays lançaram o jornal “Lampião da Esquina”, sendo a primeira publicação de temática LGBT. Criado com objetivo de falar sobre as experiências homossexuais, prometendo dar mais voz aos grupos aliados⁶ – negros (as), indígenas e mulheres. Após quase um ano do “Lampião da Esquina”, algumas mulheres do Somos e outras lésbicas independentes foram convidadas a escrever para o jornal, trazendo na capa “Amor entre mulheres (elas dizem onde, quando, como e porquê)” e denunciando o tardamento pelo direito ao espaço de discutir as questões lésbicas publicamente e abertamente a outras pessoas.

Nós estamos atrasadas porque existimos, mas sempre abdicamos de existir. Existimos nos cochichos, nos bochichos, em algum barzinho, em algumas boates, n'alguma cama com algum corpo, nas fantasias e sonhações que, na maioria das vezes, arquivamos desde sempre. Nós estamos atrasadas porque temos medo, receio, cagaço mesmo de viver o que somos. Porque não construímos o espaço do nosso viver. Porque vivemos na clandestinidade. (...) A repressão perpassa todas as esferas do nosso existir. O fato de sermos mulheres homossexuais duplica a repressão. Além de mulher, ser homossexual é muito, né? Quer ver muito mais? Mulher, negra, homossexual. Quer ver mais? Nós estamos atrasadas porque os valores garantidos pelos esquemas repressivos têm conseguido um desempenho eficaz (JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA, 1970, ed. 12, p. 7).

Poucos anos depois, o LF construiu o primeiro jornal com publicações de ativistas lésbicas, o “chanacomchana”, porém com o fim do grupo, sua publicação retomou para o Grupo Ação Lésbica (GALF), construído em 1981, à época em formato de boletim. O “chanacomchana” contou com 12 edições e tinham como objetivo dialogar com outras lésbicas, falar da existência dessas mulheres. Trazendo questões femininas, principalmente lésbicas que não eram publicizadas e nem discutidas em outros espaços e por outras pessoas que não fossem elas. Seguindo a mesma ideia do jornal “Lampião da

⁶ Afastados e excluídos.

esquina”, construído por homens gays, a comercialização do boletim foi realizada através de muitos enfrentamentos, e foi em um desses momentos que começaram a ser agredidas semanalmente no Ferro’s Bar, ambiente frequentado por lésbicas de São Paulo, até serem expulsas pelo dono.

Segundo Miriam Martinho⁷, a causa da expulsão foram as publicações do boletim que não o agradava – ato que pode ser compreendido como lesbofobia. Sendo assim, foram proibidas de frequentarem o bar, conseqüentemente de continuarem publicando os boletins. Cabe ressaltar que a presença dessas mulheres lésbicas era interessante para esse comerciante apenas quando estavam gerando lucro, mas a partir do momento que passaram a ferir a masculinidade dos outros sujeitos, já não se tornaram mais toleráveis.

A partir desses episódios destacados e das estratégias de resistência organizadas coletivamente foi criada a primeira manifestação protagonizada por lésbicas contra qualquer tipo de discriminação, realizada no dia 19 de agosto de 1983. Em 2008, essa data se tornou oficialmente o dia do orgulho lésbico.

Pouco depois, no ano de 1996, nasceu o Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), reunindo pela primeira vez diversas mulheres lésbicas no Rio de Janeiro, onde ficou estabelecida também a data do dia 29 de agosto como o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica. SENELE foi um espaço criado com objetivo de discutir, refletir e propor ações para interferirmos nas políticas públicas em busca de direitos e dignidade, tornando-se fundamental na história das mulheres lésbicas brasileiras e, constituindo-se, ao longo do tempo, um espaço deliberativo de lésbicas e bissexuais. Seu primeiro encontro foi na cidade do Rio de Janeiro, reunindo mais de cem lésbicas de todo o país, depois se expandindo para diversos estados do Brasil. Seu maior marco foi em 2006, onde ocorreu o primeiro seminário nacional de lésbicas e bissexuais negras na cidade de São Paulo, tendo como tema “afirmando identidades”.

Já pensando nesse contexto da atualidade, todas essas lutas citadas acima, ainda se fazem presentes e necessárias, pois apesar dos avanços em torno das políticas públicas relacionadas a população LGBTQIA+ e a população negra, há quatro anos temos tido retrocessos a partir do golpe de 2016, e atualmente, com o Governo Bolsonaro. Governo esse que tem sua política de extermínio às populações negras, indígenas, às mulheres e

⁷ Míriam Martinho, formada em Letras (USP) e Tradução (Associação Alumni), é pioneira do ativismo lésbico no Brasil. Ao lado de Rosely Roth, foi fundadora do Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) e uma das lideranças da ocupação do Ferro's Bar

pessoas LGBTQIA+. Um exemplo prático que pode ser citado do início desse extermínio causado pelo governo Bolsonaro, foi o assassinato, em 2018, na cidade do Rio de Janeiro, da vereadora eleita, Marielle Franco⁸, mulher, negra, bissexual, mãe, filha, irmã, esposa, cria da favela da Maré, ativista e defensora dos direitos humanos.

É importante mencionar que “por conta de toda a sua militância na área de Direitos Humanos, Marielle se tornou uma dentre “os quatro vereadores relatores da Comissão da Câmara para acompanhamento da Intervenção Federal” (MATTOS, 2020, p. 274). Dessa forma, a parlamentar utilizava desse espaço para denunciar a violência do Estado, principalmente nas favelas, que vinham e continuam sofrendo com o processo de militarização na cidade do Rio de Janeiro, denunciando também diversos esquemas de corrupção na cidade. Em função disso, passou a ser perseguida até seu assassinato, que logo após foi usado como justificativa para as intervenções policiais.

Marielle Franco foi brutalmente assassinada e hoje não está fisicamente nas lutas, porém desde sua candidatura e até mesmo após esse crime, se faz presente em diversos corpos que ocupam a nova bancada, as universidades e diversos coletivos, os quais tornaram-se sementes do seu legado. A vereadora é considerada um dos maiores nomes na história da política do Rio de Janeiro, e para além disso, se tornou referência em espaços de debates e estudos raciais, LGBTQIA+ e das favelas num modo geral.

A mudança que queríamos ver na política estava expressa no corpo dela. Ela era diferente deles, mas era como nós: ela vinha das lutas, dos movimentos sociais, dos coletivos negros das universidades, vinha dos blocos de carnaval, vinha dos grupos de artistas do funk. Ela era porque nós todos éramos uma forma diferente de viver, de circular na cidade, de estar na política, de lutar. Marielle foi eleita com surpreendentes 46.502 votos, sendo a quinta mais votada na cidade e a segunda mulher com o maior número de votos. A noite em que foi eleita foi uma das mais felizes de nossas vidas (MATTOS, 2020, p. 277).

Nos últimos dois anos, enxergamos outra realidade de luta e resistência, provocadas pelo distanciamento social, na tentativa de conter a pandemia do coronavírus. Em função disso, diversas atividades práticas e coletivas de luta e resistência, como as manifestações públicas e ocupação das ruas, tiveram que ser interrompidas, tendo que ser

⁸Disponível em: https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle?gclid=CjwKCAjw79iaBhAJEiwAPYwoCOXzsIv1_3zvtDe5zrOyVwtSbLIZbI4DEzmDEG2KRBRV5VxtmXtwDRoCaNQQAvD_BwE Acesso em: 15, julho, 2022.

reinventadas através das mídias sociais e dos cybers ativismos, como ocorre no Instagram, por exemplo.

Duas referências de mulheres lésbicas que vem se reinventando e trazendo essa nova articulação de luta e resistência através de suas experiências nesse espaço das redes sociais podem ser mencionadas, uma delas é, Jamine Miranda, mulher, negra, ativista, caminhoneira⁹, historiadora, mestre em Educação, pesquisadora, Educadora Social, podcaster (pretacast) e criadora de conteúdo. Seus conteúdos têm como objetivo debater pautas negras, compreender e visibilizar as construções das mulheres lésbicas que não performam a feminilidade imposta, construindo narrativas a partir da vivência, da moda e da resistência, através do afeto, do amor, e do autocuidado.

Antes da pandemia suas produções e participações já eram voltadas para as redes sociais, tais como: Instagram e Spotify, a partir do isolamento, esses conteúdos ganharam ainda mais força e apoio coletivo. Jamine, que nas redes sociais se apresenta como “preta caminhão”, passou a compor também diversas lives no Instagram, partilhando sua trajetória enquanto mulher, negra, lésbica e criadora de conteúdo.

Uma dessas lives foi realizada na página da Julianna Motter, uma das importantes referências entre as mulheres lésbicas e ativistas na atualidade. Lésbica, branca, não binária, que não performa a feminilidade imposta. Ela também é professora, pesquisadora, comunicadora e criadora de conteúdo através da “Velcro Choque”. A @velcrochoque é uma intervenção urbana e ciberativista sapatona realizada através de lambes que são expostos em espaços públicos e divulgados através das redes sociais. Julianna trouxe através da “Velcro” outras maneiras de resistir, por meio da criação de poemas e lives com outras mulheres lésbicas em seu Coletivo, entendendo a pluralidade do ser lésbico. Como falado, a “Velcro” se materializa através de intervenções urbanas, sendo assim, no contexto da Pandemia da Covid-19, seus lambes não puderam ir para as ruas, porém como forma de resistência a ativista passou a fazer lives através do coletivo, onde chamava outras mulheres lésbicas para uma conversa menos formal sobre suas trajetórias, visando fortalecer ainda mais as redes de mulheres lésbicas dentro do contexto que estavam inseridas.

Por fim, neste capítulo pode-se concluir que a resistência das mulheres lésbicas acompanha os diferentes períodos históricos, se ressignificando e se reinventando a partir

⁹Termo que sempre foi usado como algo pejorativo, porém agora é utilizado por nós mulheres lésbicas, como uma mulher que não performa a feminilidade imposta pela sociedade.

das demandas postas e dos contextos. No entanto, apesar dos períodos específicos que exigiram das mulheres LBT's diversas formas de estratégias, organização e atuação, suas articulações coletivas não perdem a dimensão de denúncia e fortalecimento frente uma sociedade racista, patriarcal, misógina e lesbofóbica.

CAPÍTULO 2

MULHERES LBTS NO CONTEXTO ACADÊMICO: INSERÇÃO, REDES DE APOIO E PERMANÊNCIA

Os opressores mantêm sua posição e se esquivam da responsabilidade pelos seus atos. Há um constante dispêndio de energia, que poderia ser mais bem empregada numa redefinição de nós mesmos e na elaboração de roteiros realistas para alterar o presente e construir futuro.

(Audre Lorde)¹⁰

Seguindo o pensamento do capítulo anterior, é notório como os movimentos e as organizações de resistência e rede ocorrem através da sociabilidade e da troca, constituindo-se como espaços de denúncia contra as opressões decorrentes de uma sociedade desigual. Esses movimentos espalharam-se para os mais diversos setores nos quais os sujeitos afetados pelas opressões se inserem. Em razão disso, será debatido, sucintamente, nesse capítulo o ingresso das “maiorias silenciadas”, com ênfase na inserção das mulheres lésbicas dentro das Universidades Públicas no Brasil, especialmente na Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras.

Por consequência, é analisada a emergência do debate das intersecções de gênero, raça e sexualidades no contexto acadêmico, a fim de compreendermos sua importância, seus desafios e os movimentos que se construíram nesses espaços de resistência contribuindo para a permanência e formação acadêmica/profissional das mulheres LBTS. Partindo do escopo das Universidades Públicas, é trazido aqui, o debate de como e quando se deu os seus avanços até a contemporaneidade, atentando para as modificações causadas pela implementação da Interiorização das Universidades (decreto nº 6.096)¹¹ e das Políticas de Cotas (decreto nº 7.824)¹².

¹⁰ LORDE, Audre. *Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos*. Ubu Editora, 142, 2020.

¹¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm Acesso em: 20, julho, 2022.

¹² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7824.htm Acesso em: 20, julho, 2022.

Cabe recuperar que a primeira Instituição Oficial de Ensino Superior criada no Brasil foi em 1920, a Universidade do Rio de Janeiro, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), logo após o Estado de São Paulo criou a sua primeira Universidade, em 1934, a Universidade de São Paulo (USP), já com a proposta de promover o avanço da ciência, transmitir conhecimentos úteis as diversas áreas do conhecimento, além de formar especialistas nas áreas da cultura e nas demais disciplinas, tornando-se assim o maior centro de pesquisa do Brasil. A partir da federalização dessas Universidades públicas, muitas outras foram sendo criadas em diversos estados do Brasil, com o objetivo de formar profissionais e produzir conhecimento científico especializado em várias áreas.

Nos anos subsequentes, especificamente na década de 1960, os estudantes passaram a se organizar, construindo um movimento para reivindicar o espaço da Universidade, questionando para que esse espaço servia e a que parcela da população se destinava. Para viabilizar suas estratégias e ações foram organizadas também frentes político-partidárias e populares, com objetivo de conscientizar a população em relação a realidade social na educação, através da União Nacional dos Estudantes (UNE). Porém, esses movimentos foram enfraquecidos com o regime conservador que foi sendo instaurado, levando ao golpe militar de 1964, assim, os movimentos foram desmobilizados, desencadeando uma onda conservadora que atingia também as Universidades e qualquer tipo de manifestação artística, política e cultural existentes no Brasil.

Os anos de silenciamento, perseguição política-ideológica e repressão também provocaram os anseios por redemocratização em uma parcela da população brasileira e nos setores progressistas, culminando na abertura das vias para a reação e retomada política desses segmentos. Após a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), tivemos o período de redemocratização (1998) que foi o processo de restauração a democracia, ou seja, o resultado de um movimento coletivo que visava a garantia constitucional dos direitos sociais, políticos, econômicos e culturais que foram ameaçados e suspensos na ditadura. Deste modo, a sociedade brasileira vivenciou diversas mobilizações partidárias e populares, as quais surtiram efeito também no contexto das Universidades.

O fortalecimento e maior investimento nas Instituições de Ensino Superior, à vista de promover a consolidação de uma formação pública, de qualidade e socialmente referenciada, ocorreu durante o governo PT (Partido dos Trabalhadores), o qual entre os anos de 2003 a 2011, dedicou-se e investiu na educação dos brasileiros através de mais

recursos no Ministério da Educação. A criação do “Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação” (Fundeb)¹³, “Programa Universidade Para Todos” (Prouni)¹⁴, “Fundo de Financiamento Estudantil” (Fies)¹⁵, são exemplos de planos de ações que promoveram a educação básica e superior. Foram criadas novas Universidades, ampliando campus e tornando mais democrático o acesso às Instituições de Ensino.¹⁶

Com a implementação do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e com a Lei de Cotas (nº 12.711/2012)¹⁷ a garantia ao acesso à educação superior foi ampliada, tendo como objetivo de garantir o acesso de todos, na tentativa de reverter o quadro da desigualdade social e racial no Brasil. Essa mudança no quadro socioeducacional no país, possibilitou uma maior inserção da população que foi colocada à margem da sociedade e historicamente negada de pertencerem a esses espaços (mulheres, negros, indígenas e pessoas LGBTQIA+). Cabe ressaltar que essas conquistas resultam da organização política dos movimentos sociais, em especial os movimentos estudantis, negros, de mulheres, LGBTQIA+ e indígenas, os quais tiveram protagonismo na luta pelo acesso à educação no país.

Em relação às duas medidas destacadas, cabe explicar que o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) foi instituído pelo Governo Lula, em 2007, com o principal objetivo de ampliar o acesso e a permanência nas Instituições de Ensino. Sua viabilização ocorreu através do processo de expansão/interiorização das Universidades públicas, onde foram criados campus universitários em cidades dos interiores do país, dentre outros recursos para sua melhoria. Como elucidado por Kátia Lima e Larissa Pereira (2009, pp. 39-40.)

O Programa REUNI foi apresentado através de Decreto presidencial (6096/07) e tem como objetivos: aumentar o número de estudantes de graduação nas universidades federais; aumentar o número de alunos por professor em cada sala de aula da graduação; diversificar as modalidades dos cursos de graduação, através da flexibilização dos currículos, da educação a distância, da criação dos cursos de curta duração, dos ciclos (básico e profissional) e bacharelados interdisciplinares; incentivar a criação de um novo sistema de títulos;

¹³Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/fundeb> Acesso em: 25, julho, 2022.

¹⁴Disponível em: <https://accessounico.mec.gov.br/prouni> Acesso em: 25, julho, 2022.

¹⁵Disponível em: <https://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies> Acesso em: 25, julho, 2022.

¹⁶*Ninguém cuidou da educação como o PT. Lembre 18 ações na área.* Disponível em: <https://pt.org.br/ninguem-cuidou-da-educacao-como-o-pt-lembre-18-acoes-na-area/> . Acesso em: 25, julho, 2022.

¹⁷Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html> Acesso em: 25, julho, 2022.

elevar a taxa de conclusão dos cursos de graduação para 90% e estimular a mobilidade estudantil entre as instituições de ensino.

Já a Lei de Cotas, destina-se a população de baixa renda que tenha formação em escola pública e a população negra, indígena e quilombola, sendo considerada uma medida reparatória. Segundo o Portal do MEC (2012) as vagas são subdivididas da seguinte forma: metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita, e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também é levado em conta o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar da mudança significativa provocada pela Lei de Cotas, muitos desses estudantes lidam com a questão da permanência, não conseguindo concluir sua graduação, ou trancando seus cursos para concluírem quando possível. Isso porque a política em questão garante apenas o ingresso das camadas historicamente excluídas no espaço universitário, porém não cria as condições efetivas que assegurem sua permanência, sejam elas financeiramente, mentalmente, entre outras.

Consequentemente, o número de evasão atinge em sua maioria os próprios estudantes cotistas, os quais para além do acesso, necessitam de políticas voltadas às garantias de manutenção do vínculo acadêmico, como por exemplo: moradia estudantil, restaurante universitário, auxílio transporte, auxílio creche para as estudantes-mães, entre outros. Como analisado por Costa (2017, p 306), “isso faz com que muitos desses alunos adentrem as portas da educação superior e saiam antes de se formarem, ocorrendo o fenômeno denominado como “inclusão excludente”.

Feitas essas ressalvas, pode-se concluir que tiveram mudanças significativas no perfil dos estudantes que se inserem nas Universidades públicas, o que culminou também no alargamento de representações, participações e protagonismo político-acadêmico daqueles que foram colocados à margem da sociedade. Essa inserção também possibilitou modificações positivas no mercado de trabalho, no quadro de desigualdade no país e na trajetória individual e coletiva desses estudantes.

Em relação a Universidade Federal Fluminense (UFF), em Rio das Ostras (RJ) (espaço no qual foi realizado a pesquisa com estudantes e docente lésbicas), ressalta-se que essa Instituição foi criada em 2004 e, atualmente, é formada pelo Instituto de Humanidades e Saúde (IHS), o qual abrange os cursos de Enfermagem, Psicologia,

Serviço Social e Produção Cultural, e o Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT), composto pelos cursos de Ciência da Computação e Engenharia de Produção. Esse campus foi criado e inaugurado a partir do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), e faz parte de um contexto de muitas resistências, principalmente as organizadas pelos próprios estudantes.

Juliana Nascimento (2016), formada em Serviço Social nesta Universidade, realizou uma pesquisa sobre o contexto do REUNI no campus de Rio das Ostras. A partir disso, recolheu alguns depoimentos que ilustram como ocorreu a interiorização do campus universitário em questão. Uma das pessoas entrevistadas explicou que a UFF de Rio das Ostras começou como um curso de extensão ligado ao curso de Serviço Social da universidade matriz em Niterói (2004), em parceria com a Prefeitura da cidade, após questões relacionadas ao vínculo fragilizado dos primeiros professores (os quais eram pagos por convênios em situação de crise) e uma precária gestão pública local, o polo universitário precisou ser fechado.

Como consequência, os estudantes se organizaram realizando uma série de manifestações em prol da permanência da instituição e conseguiram uma repactuação entre o MEC (Ministério da Educação), a Prefeitura de Rio das Ostras e a Universidade Federal Fluminense, abrindo então vagas para docentes nesse campus (ENTREVISTA D, 2016 apud NASCIMENTO, 2022, p. 42-43). Com isso, pode-se notar que o pano de fundo em que aconteceu a institucionalização da UFF em Rio das Ostras, já apontava para um contexto de luta e reivindicações coletivas, aspecto que passou a delinear as estratégias de resistência travadas por estudantes, técnicos e docentes ao longo dos anos.

A ampliação dos cursos que passaram a compor o polo universitário reverberou também na diversidade entre os estudantes, uma vez que houve a possibilidade de ingresso de pessoas dos mais diferentes estados do país e da própria região, agregando também um maior número de trabalhadores, mulheres mães e pessoas LGBTQIA+. A presença desses sujeitos neste polo universitário em específico, trouxe um novo olhar para o campus, tornando-o um espaço mais crítico e inclusivo.

Nesse aspecto é visto como a universidade se faz fundamental para que esses movimentos e redes se construam e tomem força, porém na mesma medida, é notória as diversas formas de descaso com os estudantes e com determinados campus, por exemplo: nos polos universitários interiorizados onde não são oferecidas estruturas mínimas para permanência dos mesmos, como restaurantes universitários, transporte, iluminação, salas

de aulas devidamente estruturadas, entre diversas outras problemáticas que dificultam a presença dos estudantes e os trabalhadores nesse espaço. Um exemplo dessas questões citadas a cima, que são mobilizadas principalmente pelos estudantes, foi em 2018, onde os coletivos se organizaram e ocuparam a Reitoria da UFF de Niterói para exigir a construção do restaurante universitário em Rio das Ostras¹⁸.

Para finalizar esse capítulo é trazido aqui de forma breve, o debate das mobilizações que são construídas principalmente por e para mulheres lésbicas, bissexuais e pessoas transsexuais, como consequência dessas precarizações citadas acima. A falta de segurança nos arredores da universidade, possibilita que esses estudantes sejam diariamente expostos ao aumento de violência, essa evidência serve como exemplo das questões salientadas anteriormente.

A partir disso, as mulheres foram construindo suas redes de apoio, denúncia e fortalecimento, como foi o caso do movimento “Chega de Estupro em Rio das Ostras”, construído e elaborado por estudantes e professores do campus, em razão do alto índice de estupro de estudantes e moradores aos arredores da Universidade. Entre essas redes cotidianas construídas por e para mulheres, busca-se a mobilização coletiva para que ninguém, principalmente às mulheres, andem sozinhas aos arredores da universidade tendo sempre esse cuidado umas com as outras. As articulações construídas a partir de Coletivos como esse visam também garantir que as mulheres não fiquem desprotegidas pelo Estado, sendo este um espaço importante para denunciar e cobrar das autoridades públicas maior atenção com a vida e segurança de todas as mulheres.

¹⁸Disponível em: <http://aduff.org.br/site/index.php/noticias/noticias-recentes/item/3379-estudantes-ocupam-reitoria-da-uff-para-exigir-construcao-de-restaurante-universitario-em-rio-das-ostras>. Acesso em: 28,julho, 2022.

CAPÍTULO 3

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO E RESISTÊNCIA: MOVIMENTOS CONSTRUÍDOS POR E PARA MULHERES LBTS NO CAMPUS DE RIO DAS OSTRAS

Esses poemas insistem no fato de que não é possível separar o amor da luta, da morte, da mágoa, mas o amor é vitorioso. É poderoso e forte, e sinto que cresço muito em todas as emoções, sobretudo na capacidade de amar.

(Audre Lorde)¹⁹

Conforme foi visto no capítulo anterior, as universidades públicas têm seu papel fundamental para a construção de redes e movimentos de resistência. Deve-se levar em consideração que essas articulações só existem a partir dos estudantes, principalmente pelos estudantes lgbtqi+, pelas mulheres, pessoas negras e indígenas, pois, na maioria das vezes, para se manterem no espaço acadêmico estes sujeitos precisam e dependem dessas redes. Em função disso, compreendeu-se, sobre as principais redes de resistência construídas por e para mulheres lésbicas, bem como pelos estudantes dentro das universidades públicas após o marco do REUNI e das Políticas de Cotas Raciais.

Neste capítulo será abordada a importância das resistências coletivas (e para além delas), dentro do campus de Rio das Ostras. Para isso, a investigação proposta tem como objetivo a análise de experiências práticas na Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras, principalmente no IHS (Instituto de Humanidades e Saúde), através da escuta, observação e análise. Para subsidiar essa discussão foi realizada uma pesquisa qualitativa com o objetivo de demonstrar a vivência e as redes das mulheres lésbicas, bissexuais, e pansexuais nesse espaço, utilizando o método de entrevista formalizada, ou seja, através de perguntas fixas para todos os entrevistados, sendo elas abertas ou fechadas (MARTINS, 2019)²⁰.

O roteiro prévio com as perguntas contou com questões fixas abertas. Essa escolha foi realizada para que as entrevistadas tivessem mais liberdade para responderem,

¹⁹ LORDE, Audre. *Sou sua irmã: Escritos reunidos e inéditos*. Ubu Editora, 82, 2020.

²⁰ Disponível em: <https://blog.metzger.com/coleta-de-dados/> Acesso em: 18, agosto, 2022.

acrescentando também o que achassem pertinente trazer e que, eventualmente, não tivesse sido abordado nas perguntas. Essa estratégia metodológica buscou agregar dinamismo e interação entre as entrevistadas e o roteiro de perguntas, garantindo que as mesmas tivessem autonomia, liberdade e participação ativa na pesquisa. Por conseguinte, os resultados da dinâmica enriqueceram ainda mais as reflexões apontadas neste trabalho.

Em razão da pandemia e do isolamento social – medida de restrição mundial indicada pela OMS para diminuir a transmissão do vírus da Covid-19 – as entrevistas foram realizadas de forma remota, com roteiro prévio onde cada uma das entrevistadas pôde escolher a forma mais confortável para realizarem, sendo elas escritas, por vídeo ou áudios. Assim, todas optaram pela forma escrita, por razão do distanciamento e das rotinas divergentes.

As entrevistas foram realizadas com três estudantes: Ana Elisa, graduanda no curso de Enfermagem, Maria Izabel e Mayara Vieira, ambas graduadas no curso de Produção Cultural, as quais autorizaram a exposição de seus nomes e do material compartilhado. A escolha das entrevistadas foi pensada por serem três mulheres de grupos, cursos, raça, formação e sexualidades diferentes, porém que possuem em comum a instituição na qual estão inseridas e as redes de apoio construídas por e para mulheres no campus de Rio das Ostras. Todas as perguntas foram voltadas para o campus, buscando sempre correlacionar a experiência de cada uma das entrevistadas com aquele espaço/tempo junto à sua sexualidade.

Ana Elisa, 26 anos, estudante de enfermagem, natural do Méier – RJ, reside desde 2015, em Rio das Ostras, local onde faz sua graduação, se autoidentifica enquanto mulher cis, branca, lésbica. Maria Izabel Lopes, 25 anos, estudante de Produção Cultural, natural de Vitória (ES), reside desde 2017 em Rio das Ostras, local onde recentemente concluiu sua formação, ela se autoidentifica enquanto mulher cis, negra, pansexual e, no momento, tem se relacionado mais sexo-afetivamente com mulheres (LBTs). Mayara Vieira, tem 24 anos, é natural de Parauapebas – PA, produtora cultural recém-formada pela UFF em Rio das Ostras e se autoidentifica enquanto mulher cis, branca e bissexual.

Pensando nas potencialidades do campus, foi perguntado o que as entrevistadas viam de mais potente dentro da universidade, tendo em vista as pessoas que ali ocupam e a forma como ocupam. As três estudantes mencionaram a importância dessa sociabilidade para o auto (re)conhecimento pessoal e coletivo, por ser um *campus* tomado pela

diversidade. A partir disso, elas refletiram sobre como isso afeta também a forma como se colocam e se entendem no mundo, por exemplo, a forma como se vestem, se relacionam e sentem, tornando-as mais “livres”. Sendo assim, houve unanimidade na percepção de que se não tivessem passado por essa experiência, hoje não teriam a coragem e a liberdade de serem quem são.

A seguinte fala de Maria Izabel exemplifica e sintetiza o que foi visto no parágrafo anterior:

A diversidade e pluralidade de gênero e sexualidade, principalmente, no IHS (Instituto de Humanidades e Saúde), dentro da UFF- Rio das Ostras, era a maior que eu tinha tido contato na minha vida, até então. Mais do que isso, lembro que na minha turma havia mais corpos negros e mestiços do que corpos brancos e isso, pra mim, foi uma expansão incrível de consciência e de percepção, extremamente necessária e digna. Eu realmente precisava profundamente (nem sabia o quanto) do que Rio das Ostras tinha pra me oferecer).Eu posso dizer que Rio das Ostras me arrancou de uma vida medíocre que nunca foi a minha. Me fez enxergar que Mabel tava seguindo uma receita de bolo social e que isso não trazia pra ela satisfação nem alegria (2022, s.p).

Com isso, pode-se notar que essa rede de sociabilidade é fundamental para quem, na cidade de origem, não poderia “sair do armário” por questões familiares, preconceitos, aumento nos casos de LGBTQia+fobia, entre outros. Essa rede é importante também para os que já eram assumidos, pois quando esses se sentem parte de um lugar onde todos se vestem da forma como querem, sentem-se com mais legitimidade e liberdade para tal. A construção da UFF em Rio das Ostras como um espaço contra hegemônico é resultado de um campus com expressiva diversidade sexual, onde as pessoas podem exercer autonomia sobre seus corpos, vestimentas e sexualidades, construindo e entendendo melhor sua forma de ver e viver dentro das diferentes intersecções que compõe o coletivo e, a partir de então se reconhecendo e tendo orgulho disso.

Na visão da estudante Mayara Vieira, a diversidade sexual, étnico-racial e de gênero que compõe a Universidade em questão, reverbera positivamente na subjetividade dos corpos considerados “dissidentes” que dão início as suas formações, de modo que “as pessoas subjetivamente vão se descobrindo, se reinventando, se perdendo e se reencontrando através da UFF”. Essa é uma questão de extrema relevância na construção das redes acadêmicas entre mulheres LBT’s, uma vez que o adoecimento psicológico

também é uma realidade vivenciada por elas, sendo essa uma problemática que “não é um mero produto da sexualidade e da identidade de gênero, e sim reflexo da estigmatização e discriminação da sociedade em relação à diversidade sexual e de gênero” (HEREK e MCLEMORE 2013 apud TAGLIAMENTO *et al.*, 2020, p. 82).

A partir disso, como complemento da pergunta anterior, foi perguntado também se as estudantes achavam que a Universidade foi um espaço fundamental no seu autorreconhecimento enquanto uma pessoa LGBTQIA+. Uma das entrevistadas, Ana Elisa, ressalta que para ela não, pois já tinha uma relação com sua sexualidade, entretanto vê a importância dos corpos que ocupam aquele espaço para o autorreconhecimento de muitos outros. Já as outras duas entrevistadas, Mayara e Maria Izabel, ressaltaram sobre a importância desse espaço para os seus processos de afirmação e resistência coletiva.

As três trouxeram reflexões diferentes sobre a pergunta em questão, porém entendendo a importância do campus de Rio das Ostras para seu autorreconhecimento. Maria Izabel ressalta essa importância dizendo que através desse espaço e das pessoas que ali ocupavam, ela se tornou ainda mais sapatão, lésbica, bissexual, pansexual, viada, gay, preta. Deixando fluir tanto que as vezes até esquecia que fora desse ambiente a realidade era bem contrária, mas que ainda sim se sentia protegida pelos seus.

Para Mayara Vieira, é sobre se enxergar através do amor, o amor enquanto revolução: “Onde o amor é válido, legítimo, permitido, demonstrado pele a pele, é de uma força tremenda que te arrasta e lapida a tua potência” (2022). Uma das maiores referências para esse estudo, Audre Lorde (2020, p. 82), também traz o amor como manifestação de resistência, sendo ele nossa fonte de poder, afirmando que “[...] o amor expressado entre as mulheres é particular e poderoso, porque tivemos de amar para viver; o amor é a nossa sobrevivência”. Assim, se faz notório significado de amor para essas mulheres, não apenas enquanto o amor romântico, mas também como o amor que resiste às opressões, admira, respeita, cuida para/com outras mulheres.

A necessidade e importância desse autorreconhecimento é também uma das maiores ferramentas para tornarem as redes entre essas estudantes ainda mais fortes. Essas redes são notadas com facilidade dentro do campus, e nas entrevistas não se fez diferente. Quando foi perguntado sobre se sentirem seguras aos arredores da Universidade e se buscavam sempre estarem acompanhadas, as três estudantes responderam de maneira significativa a importância dos movimentos que são construídos naturalmente para que

nenhuma mulher ande sozinha, independente do horário, sendo essa a rede que veem como fundamental para suas trajetórias e permanências na universidade e na cidade.

Outra questão que chama bastante atenção nessa parte da entrevista, é que duas das entrevistadas, Ana Elisa e Maria Izabel, ressaltaram que por não se vestirem dentro do padrão da feminilidade, acabam por sofrerem menos agressões. Ainda, uma delas, afirmou que passou a se vestir de forma mais “masculina”, raspando seu cabelo e usando roupas largas para evitar assédio, não que isso a isente de ser assediada/agredida, porém, acaba por não chamar tanta atenção desses agressores. Nesse caso, cabe destacar que apesar da adoção de estratégias para se tornar “invisível” em uma cidade caracterizada pela violência patriarcal, essa mulher ainda não terá passabilidade social como os homens cis, justamente por ser um “corpo estranho” dentro do padrão heteronormativo. Na visão de Foucault (apud DA SILVA; DE CALAIS, 2020. p. 158.) o sentido de passabilidade, nessa sociedade, está associado:

Nos regimes normatizadores, a passabilidade ocorre na medida em que existe uma relação entre a estética da existência e o controle dos corpos, através do que Foucault (2014), denomina como “disciplina dos corpos”.

É também a partir da violência de gênero, da lesbofobia e do racismo praticados por um determinado grupo que, muitas vezes, essas mulheres acabam por sofrer estupro corretivos, onde pessoas LGBTQTS são violentadas e até mesmo mortas, na tentativa de “corrigir” sua sexualidade e gênero. Esses relatos são apenas algumas das diversas vivências atravessadas por assédios, agressões e abusos ocorridos em Rio das Ostras.

A partir dos diversos casos de estupro na cidade em questão, alguns professores, estudantes e funcionários da Universidade, e alguns moradores se mobilizaram criando o movimento “Chega de Estupro em Rio das Ostras”, já citado no capítulo anterior, sendo este de extrema importância para muitas estudantes, em especial, mulheres trans, negras, lésbicas e mães. Esse movimento teve o intuito de cobrar das autoridades um maior investimento da segurança pública nos arredores da universidade e do restante da cidade. A seguinte afirmação de Kátia Marro (professora e uma das mobilizadoras do movimento), sobre o movimento em 2017, evidencia que o alto índice de violência contra as mulheres está diretamente relacionado a falta de infraestrutura:

Transporte precário, falta de iluminação pública, ausência de políticas de segurança pública de qualidade são facilitadores. Mas a falta de organismos de políticas públicas também está profundamente relacionada. Secretárias e coordenadorias municipais são fundamentais para garantir políticas públicas permanentes e de qualidade para enfrentar e prevenir a violência de gênero²¹.

Apesar do movimento ser fundamental para muitas estudantes e até mesmo para outras mulheres que residiam na cidade de Rio das Ostras, para as estudantes entrevistadas, o movimento acabou não sendo tão presente em suas trajetórias, pois ele acabou se enfraquecendo no ano de 2017, quando as três estavam chegando na Universidade. As entrevistadas, Ana Elisa e Mayara Vieira, afirmam que conheceram o movimento por ser um dos primeiros piches que viram no muro da Universidade e por ouvirem falar, mas nunca tiveram nenhum tipo de atravessamento direto pelo movimento. Já Maria Izabel, ressalta que conhece o movimento, assim como outros que aconteciam dentro da Universidade, chegando a participar de alguma das suas atividades, mas não recorda qual em específica. Com isso, as três terminam afirmando novamente da importância desses movimentos, porém que suas redes de apoio eram principalmente seus amigos e outros estudantes da própria Universidade.

A partir do que vimos anteriormente, podemos afirmar que essas entrevistas foram de suma importância para o entendimento das formas de resistência que acontecem em Rio das Ostras e como essa resistência é fundamental para o avanço, sobrevivência e a luta dessas mulheres. O movimento que se inicia em todo país pela defesa da liberdade sexual e pela vida das mulheres LBT's, é o grande responsável pela ramificação de experiências coletivas nos mais diferentes contextos. Sendo assim, é possível notar que quanto mais as redes femininas vêm sendo fortalecidas, maiores são as possibilidades de enfrentamento à cultura do estupro e as múltiplas violências direcionadas a esses corpos.

²¹Disponível em: <https://prensadebabel.com.br/medo-do-estupro-mexe-com-a-nossa-vida-mulheres-de-rio-das-ostras-relatam-violencias-de-genero/> Acesso em: 22, agosto, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso partiu da questão central da importância da Universidade e das mulheres para a construção de resistências e apoios a outros estudantes, principalmente para estudantes LGBTQIA+, negros, indígenas e as próprias mulheres, tendo como foco no campus da Universidade Federal Fluminense de Rio das Ostras. Essa presunção se consolidou a partir de entrevistas realizadas com estudantes do campus em questão, tornando as questões em fatos concretos.

Foi construído um caminho onde foram prestigiadas contribuições de pensadoras e militantes lésbicas, negras, comprometidas com a luta lgbtfóbica, lésbofóbica, anticapitalista e antirracista, agregando subsídios teóricos imprescindíveis para refletirmos acerca dessas resistências construídas por e para mulheres. Dialogando também com formas de resistências que foram sendo criadas e construídas até a contemporaneidade, utilizando marcadores sociais que conferem materialidade a discussão proposta neste trabalho.

Para chegar à conclusão dessa premissa, trouxemos junto a alguns elementos, a respeito das formas de resistência criadas por e para as mulheres, especialmente as mulheres lésbicas. Explico de forma sucinta a trajetória do movimento feminista e LGBT no Brasil para o melhor entendimento de onde e por que surgiu o movimento lésbico e, ainda, quais foram suas barreiras até a contemporaneidade. Dessa forma, citamos algumas mulheres pesquisadoras e militantes lésbicas que foram fundamentais para a trajetória desses movimentos, em seguida, para finalizar, são citados novos nomes de mulheres lésbicas que vêm construindo diferentes formas de resistir, cada uma com suas especificidades.

Em seguida, foram pontuadas as diversas formas de resistências que são construídas através das Universidades, buscando entender de forma cronológica a trajetória das Universidades Públicas e a sua importância para os diversos movimentos que são construídos a partir desse espaço e também a importância desses estudantes para o avanço das políticas públicas que permeiam a Universidade, como o Reuni e Lei de Cotas, por exemplo.

No terceiro e último momento desse trabalho, no qual é resultado desses dois primeiros capítulos - o primeiro sobre as resistências criadas por e para mulheres junto com o segundo, que foi pensado sobre a importância do espaço da Universidade

Pública para a criação de movimentos de resistência construído por estudantes - trazendo então como resultado dessas duas trajetórias de lutas e resistências e a análise do campus de Rio das Ostras, a partir de entrevistas. No qual destaca-se que no campus citado, existe uma forte rede de apoio e resistência entre os estudantes, principalmente entre mulheres LBTs.

Portanto, a partir da análise metodológica e de seus resultados, em primeiro lugar, evidenciamos que o objetivo geral e os objetivos específicos foram todos objetos de reflexão, tendo em vista que todos os seus eixos foram debatidos e contemplados neste trabalho.

A partir das entrevistas das três estudantes, concluímos que a universidade pública e as redes, que são construídas por estudantes e a partir delas, são fundamentais para as redes de resistência e apoio entre essas mulheres, principalmente pensando num campus precarizado e uma cidade com péssimas condições de políticas públicas.

Está pesquisa é resultado da necessidade/urgência de falarmos e tratarmos sobre a existência e resistência da população LGBTQIA+, negra, indígena e das mulheres. A partir disso, como sempre vi o campus de Rio das Ostras enquanto potência, pensando principalmente nos estudantes que por ali passam, que em sua maioria são mulheres, LBTs e pessoas negras, vejo como algo importante a ser falado e debatido. Assim, acreditamos ser imprescindível falar sobre a vivência em Rio das Ostras pela minha perspectiva e de mais três estudantes, e, também sobre as formas de resistência e existência que são criadas e construídas, por ser algo que sempre me tocou de diversas formas, não só a mim, como a maioria dos estudantes, principalmente as mulheres.

Como resultado de todo esse desejo de falar e transpor essa vivência, que se torna resistência a partir do respeito, da empatia, da autoidentificação e reconhecimento entre nós, estudantes do campus, obtive este trabalho. Destacamos que esse trabalho foi realizado em um momento delicado para todos nós, em meio a pandemia da Covid-19, do isolamento e do desgoverno, porém que trata do que somos e do que fazemos para contrapor todo esse ódio, preconceito e intolerância que vivemos. Por fim, gostaria de ressaltar que me sinto privilegiada por poder falar dessas experiências e por ter vivido e aprendido a partir dela.

ANEXO CENTRALIZADO

Roteiro Entrevista com as três estudantes do Campus de Rio das Ostras:

1. Se apresentar, falar de onde vieram, por que escolherem a UFF de Rio das Ostras.
2. Como se entendia quando entrou na Universidade e como se entende hoje?
3. Qual foi a sua primeira impressão e seu primeiro sentimento ao conhecer o campus de Rio das Ostras?
4. O que vê de mais potente dentro da UFF de Rio das Ostras (pensando em pessoas, espaço e o que for significativo p/ você)
5. Acha que o espaço da universidade foi um espaço fundamental no seu autorreconhecimento enquanto pessoa LGTBQIA+?
6. Você se sentia segura aos arredores da Universidade?
7. A noite, costumava andar sozinha ou sempre que dava procurava uma companhia para se sentir mais segura?
8. Já sofreu ou alguém próximo a você sofreu algum tipo de assédio em lugar público? E na Universidade?
9. Você conhece ou conheceu algum movimento? Qual seria sua rede de apoio?
10. Conhece o Movimento Chega de Estupro em Rio das Ostras? Teve algum envolvimento direto com ele ou algum atravessamento através dele?

REFERÊNCIAS

“Medo do estupro mexe com a nossa vida”, mulheres de Rio das Ostras relatam violência de gênero. Disponível em: <https://prensadebabel.com.br/medo-do-estupro-mexe-com-a-nossa-vida-mulheres-de-rio-das-ostras-relatam-violencias-de-genero/>. Acesso em 31, agosto, 2022.

A interiorização das Universidades Federais foi um acerto estratégico para o Brasil. Disponível em: <https://noticias.unb.br/artigos-main/2580-a-interiorizacao-das-universidades-federais-foi-um-acerto-estrategico-para-o-brasil>. Acesso em: 18, junho, 2022.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fundeb – Apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/fundeb> Acesso em: 25, julho, 2022.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. O QUE É O FIES. Disponível em: <https://sisfiesportal.mec.gov.br/?pagina=fies> Acesso em: 25, julho, 2022.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Perguntas Frequentes. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html> Acesso em: 25, julho, 2022.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portal Único de Acesso ao Ensino Superior. Disponível em: <https://acessounico.mec.gov.br/prouni> Acesso em: 25, julho, 2022.

BRASIL. DECRETO Nº 6.096, DE 24 DE ABRIL DE 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm Acesso em: 20, julho, 2022.

BRASIL. DECRETO Nº 7.824, DE 11 DE OUTUBRO DE 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7824.htm Acesso em: 20, julho, 2022.

Coleta de dados: o que é, metodologias e procedimentos. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/coleta-de-dados/> Acesso em: 18, agosto, 2022.

CORDEIRO, Ana Luisa Alves; AUAD, Daniela. Estratégias de Resistência de Negras Cotistas Lésbicas e Bissexuais. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

DA SILVA, Larissa Batista; DE CALAIS, Lara Brum. A PERFORMANCE DA FEMINILIDADE E PASSABILIDADE EM MULHERES LBTs. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 1, n. 2, 2020.

DE MATTOS ROCHA, Lia. A vida e as lutas de Marielle Franco. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 16, n. 42, 2018.

DE SOUZA LIMA, Kátia Regina; PEREIRA, Larissa Dahmer. Contra-reforma na educação superior brasileira: impactos na formação profissional em Serviço Social. *Sociedade em Debate*, v. 15, n. 1, p. 31-50, 2009.

DOS SANTOS SILVA, Elder Luan. A transformação do estigma em orgulho: redes de sociabilidade LGBT na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 46, n. 2, p. 409-424, 2020.

Estudantes ocupam reitoria da UFF para exigir construção de restaurante universitário em Rio das Ostras. Disponível em: <http://aduff.org.br/site/index.php/noticias/noticias-recentes/item/3379-estudantes-ocupam-reitoria-da-uff-para-exigir-construcao-de-restaurante-universitario-em-rio-das-ostras>. Acesso em: 28, julho, 2022.

GONTIJO, Fabiano Souza; REIS, Pâmela Sampaio. CAIU NA REDE...: REDES DE SOCIABILIDADE E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE MULHERES QUE AMAM MULHERES EM TERESINA (PIAUÍ) E EM SÃO LUÍS (MARANHÃO)/FELL INTO THE NET...: SOCIABILITY NETWORK AND BIOGRAPHICAL NARRATIVES OF WOMEN THAT LOVE WOMEN. Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho), v. 11, n. 1, p. 94-116, 2013.

Grupo Somos. Disponível em: <https://andadireito.com.br/blog/grupo-somos/>. Acesso em: 12, julho, 2022.

hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. **Rio de Janeiro: Rosa dos tempos**, 2018.

LORDE, Audre. Sou sua irmã: escritos reunidos. **São Paulo: Ubu**, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Juliana Ricardo do. O processo de precarização da educação superior pública no Brasil: as particularidades da UFF de Rio das Ostras. 2016.

Ninguém cuidou da educação como o PT. Lembre 18 ações na área. Disponível em: <https://pt.org.br/ninguem-cuidou-da-educacao-como-o-pt-lembre-18-acoes-na-area/>. Acesso em: 25, julho, 2022.

Ninguém cuidou da educação como o PT. Lembre 18 ações na área. Disponível em: <https://pt.org.br/ninguem-cuidou-da-educacao-como-o-pt-lembre-18-acoes-na-area/>. Acesso em: 25, julho, 2022.

OLIVEIRA, Luana Farias. Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Militar (1964-1985). **Revista Periódicus**, v. 1, n. 7, p. 06-19, 2017.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. Políticas de democratização da educação superior brasileira: limites e desafios para a próxima década. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas), v. 22, p. 301-315, 2017.

PEREIRA, Ana Cristina Furtado; FAVARO, NALG. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. **Iv Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação-Sirsse, Paranavaí, v., n, p. 5527-5542**, 2017.

Quem é Marielle Franco? Disponível em: https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle?gclid=CjwKCAjw79iaBhAJEiwAPYwoCOXzsIv1_3zvtDe5zrOyVwtSbLI Zbi4DEzmDEG2KRBRV5VxtmXtwDRoCaNQQAvD_BwE Acesso em: 15, julho, 2022.

Seis anos do assassinato de Luana Barbosa: "abril se tornou um mês de temor e luto", diz irmã. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/seis-anos-do>

assassinato-de-luana-barbosa-abril se-tornou-um-mes-de-temor-e-luto-diz-irma
Acesso em: 15, julho, 2022.

SOUZA, Dominique Guimarães de et al. Breve histórico acerca da criação das universidades no Brasil. 2019.

SOUZA, Eloisio Moulin de; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. (Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, p. 76-105, 2013.

SOUZA, Simone Brandão. Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 2, p. 134-143, 2018.

TAGLIAMENTO, Grazielle et al. Minha dor vem de você: Uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 6, n. 3, p. 77-112, 2020.